

*Artigos Originais***SEXUALIDADES REGULADAS: A “GRAMÁTICA DO TERROR” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO 6º AO 9º ANO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE FLORIANÓPOLIS (2000 A 2011)***Original Articles***REGULATED SEXUALITIES: THE “GRAMMAR OF TERROR” IN 6th-9th GRADES SCHOOL TEXTBOOKS OF SCIENCE IN MUNICIPAL SCHOOLS OF FLORIANÓPOLIS (2000-2011)**

Cristiane Castro Ramos Abud*

<http://lattes.cnpq.br/0252434222538064>
nani.castro@bol.com.br

Gladys Mary Ghizoni Teive**

<http://lattes.cnpq.br/2239804372967312>
gladysteive@gmail.com**CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ.**, Franca, SP, Brasil – eISSN 2175-4217 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)    **RESUMO**

Os conteúdos abordados nos livros didáticos de Ciências carregam representações e intenções simbólicas, ideológicas e imagéticas que constituem sua materialidade discursiva permeada por relações de poder e saber. Pode-se inferir que o livro didático, enquanto manual didático, constitui-se em um artefato cultural dotado de intenções, estratégias imagéticas, ilustrativas e estéticas que lhe conferem a harmonia, arquitetura, e desenho, para a atenção e consumo de seus diferentes gêneros textuais. Este texto apresenta a análise dos discursos presentes em 10 livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano, utilizados em escolas de rede de ensino municipal de Florianópolis, evidenciando como as narrativas imagéticas e discursivas presentes nestes livros estabelecem relações do conteúdo da AIDS com representações de morte, dor, castigo, culpa. Tendo como fundamento teórico básico os estudos de Michel Foucault sobre saber-poder, analisa como tais aparatos contribuem para a constituição de subjetividades, autocontrole, disciplina e, ao mesmo tempo, produzem representações em torno das formas de vivenciar as sexualidades e seus prazeres. Representações que atravessam os corpos dos seus leitores, causando-lhes marcas, configurando uma “gramática do terror” que assola as mentes

* Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestrado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

** Docente do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

dos sujeitos, para o controle de suas vidas, através de comportamentos preventivos considerados necessários para a produção do sujeito saudável. Os saberes prescritos pela escola e seus artefatos de poder devem ser permanentemente contestados, subvertidos, desafiados, demonstrando que tanto as identidades quanto as subjetividades são mutáveis e históricas.

Palavras-chave: Sexualidade. AIDS. livros didáticos. educação.

ABSTRACT

The content covered in the Science textbooks carry representations and symbolic, ideological and imagistic intentions; constituting a discursive materiality permeated by relations of power and knowledge. It can be inferred that the textbook while teaching manual constitutes a cultural artifact endowed with intentions, imagery, illustrative and aesthetic strategies that give harmony, architecture, and design, for the attention and use of their different textual genres. This paper presents an analysis of the discourses present in 10 Science textbooks from 6th to 9th grade, used in municipal schools in Florianópolis, showing how imagistic and discursive narratives contained in these books, establish the relation between the content of AIDS with representations of death, pain, punishment, guilt. With the basic theoretical foundation studies of Michel Foucault's power-knowledge, analyzes how such devices contribute to the constitution of subjectivity, self-control, discipline and at the same time, produce representations about the ways to experience their sexualities and pleasures. Representations crossing the bodies of their readers, causing them brands, setting up a "grammar of terror" that plagues the minds of the subjects to control their lives through preventive behaviors considered necessary for the production of healthy subject. The knowledge prescribed by the school and its artifacts could be permanently contested, subverted, challenged, demonstrating that both identities and subjectivities are changeable and historical.

Keywords: Sexuality. AIDS. textbooks. education.

O sujeito é o sujeito. Sozinho ele está. E sem uma necessidade de pele, carne, face ou fluído. O corpo nunca é. Os corpos são inimigos do sujeito. (DOEL, 2001, p. 87, grifo nosso).

O sujeito, ao longo da história das sociedades, está fadado ao seu esvaziamento, desfalecendo aos poucos, perdendo lugar para os olhares, os cuidados, as intervenções sobre corpo. O corpo é que adquiriu sentido e valor para a sociedade do consumo e do espetáculo de imagens, acessórios, estudos para o prolongamento da vida e a superação do esgotamento do corpo.

Para isso, são investidas técnicas e estratégias de esquadramento sobre o corpo, para entendê-lo, aperfeiçoá-lo, recriá-lo, conservá-lo, nomeá-

lo, manipulá-lo, controlá-lo, seja por aparatos científicos, tecnológicos, virtuais, culturais ou didáticos.

A cultura cientificista e biologicista com resquícios do eurocentrismo e do individualismo do Iluminismo, acabou por influenciar as formas didáticas de se abordar o corpo nos livros didáticos de Ciências, esquartejando-o em pedaços, mutilado, seccionado em partes e sistemas, muitas vezes carregado de representações e estereótipos de gênero, sexualidade, etnia, geração; “[...] pode-se dizer que o corpo ali apresentado deixa de ser humano e passa a ser didático.” (SANTOS, 2002, p. 102).

Os conteúdos abordados nos livros didáticos de Ciências carregam representações e intenções simbólicas, ideológicas e imagéticas; uma economia do mercado editorial, mesmo antes de chegarem aos seus usuários, desde sua elaboração, em seus discursos, imagens, *designer* que constituem sua materialidade discursiva permeados por relações de poder e saber; “[...] por ser uma mercadoria ligada ao mundo editorial e à lógica da indústria cultural do sistema capitalista.” (BITTENCOURT, 2004, p. 301).

Pode-se inferir que o livro didático enquanto manual didático se constitui, portanto, como um “projeto didático” (BENITO, 2012, p. 37) dotado de intenções, estratégias imagéticas, ilustrativas e estéticas que lhe conferem a harmonia, arquitetura, e desenho, para a atenção e consumo de seus diferentes gêneros textuais.

Os manuais historicamente são um dispositivo fundamental para a transmissão dos saberes, tempos, espaços, dos currículos, planos, da cultura e das práticas escolares, possibilitando formas de interpretação e estudo da “gramática da escola” (DUSSEL, 2003, p.13). Sendo que esses saberes e suas diferentes formas de transmissão e recepção não são neutros, mas permeado por “[...] processos de hierarquização ou estratificação” (FORQUIN, 1992, p. 41), que determinam quais são necessários ou não em um dado momento histórico, político ou cultural.

Interessa-nos aqui, dentro dessa gramática específica do contexto escolar vinculada pelos livros didáticos, analisar os discursos presentes nestes livros do 6º ao 9º ano que estabelecem relações do conteúdo da AIDS com representações de morte, dor, castigo, culpa. Representações que

atravessam os corpos dos seus leitores, causam marcas, inscrevem-se a partir de redes de poder e saber, de significados que “[...] regulam e organizam as condutas e práticas, participando do estabelecimento de regras, normas e convenções através das quais é ordenada e governada a vida social.” (WORTAMANN, 2001, p. 156).

Evidenciando como as imagens e textos presentes nestes livros configuram uma “gramática do terror” que assola as mentes e os corpos dos sujeitos, para o controle da vida, dos corpos e comportamentos preventivos considerados necessários para a produção do sujeito saudável. Que representações sobre a AIDS são vinculadas nos livros didáticos do 6º ao 9º ano, de que forma são abordadas?; Que tipo de sujeito/aluno, é produzido, se pretende atingir, através dos conteúdos da AIDS?; Quais as formas de regulação, práticas de controle são inscritas sobre os corpos dos sujeitos através do conteúdo da AIDS?

Problematizando, desta forma, as táticas e estratégias utilizadas pelos livros didáticos para o investimento e controle da produção de subjetividades e de processos identitários (NÓVOA, 2007, p. 16), questionando e contextualizando as imagens e discursos destes livros, entendendo a “[...] linguagem e o discurso como instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de que o real-social é construído discursivamente.” (RAGO, 2013, p. 30).

O sujeito nada mais é do que o efeito de diferentes formas de emissão e expressão da linguagem, dos discursos, dos textos, das enunciações, efeito das relações de poder-saber e dos modos de subjetivação, das “[...] práticas e processos heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de certo tipo.” (ROSE, 2001, p. 36). Através das práticas de subjetivação que os sujeitos são descritos, nomeados, classificados e categorizados seja através das relações culturais, de gênero, etnia, idade, etc. Ao mesmo tempo, a linguagem não é fixa, homogênea, também se modifica, está em processos de lutas e conflitos, adquirindo novas roupagem em diferentes contextos, épocas, culturas, processos educacionais e históricos.

CORPUS DA PESQUISA

Foram analisados para esta pesquisa, um total de 16 livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano de 2000 a 2011, presentes em cinco escolas da rede municipal de ensino de Florianópolis localizadas na região norte da ilha. Estes livros estavam disponíveis nas bibliotecas destas escolas para consulta da comunidade escolar, sendo que já tinham sido utilizados em anos anteriores, pois fizeram parte da escolha do livro didático destas escolas nos anos mencionados.

Sobre as escolhas dos livros didáticos mais especificamente, elas ocorrem a cada três anos e obedecem a regras específicas determinadas pelo Ministério da Educação (MEC) e disponíveis no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), onde as escolas devem se comprometer com regras como a transparência do processo de escolha, possuírem mais de 100 alunos, estarem cadastradas no censo escolar,

2. Compromissos relativos à conservação, devolução e remanejamento dos livros: (conforme Resolução nº 60, de 20 de novembro de 2009)

COMPETE À ESCOLA:

2.1. promover ações eficazes para garantir o acesso, o uso, a conservação e a devolução dos livros didáticos reutilizáveis pelos alunos, inclusive promovendo ações para conscientização de alunos, pais ou responsáveis; e

2.2. promover o remanejamento de obras excedentes ou não utilizadas pela escola para atender a outras unidades com falta de material;

3. Compromissos relativos ao uso, guarda e sigilo da senha e do código de segurança: (conforme Carta Circular nº 002 de 2012)

CONSIDERANDO que a direção de escola é responsável pela guarda e sigilo da senha da escolha, enviada pelo FNDE na carta amarela.

3.1. a Direção deverá designar um responsável para efetuar a escolha do PNL 2013 na Internet; [...]. (FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2013, online).¹

¹ Compromissos relativos à moralidade e isonomia no processo de escolha: conforme Portaria Normativa n. 7, de 5 de abril de 2007. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, online).

Após registro da escolha dos livros didáticos no formulário online, através do acesso com senha enviada pelo FNDE à Direção da escola, as editoras enviam às escolas a quantidade de livros necessários. Ao chegarem às escolas e serem conferidos, os livros devem ser catalogados na biblioteca da escola e colocados a disposição de professores e alunos.

Destes 16 livros, encontrou-se em 10 deles discursos em comum que ressaltam as concepções de risco e morte sobre o conteúdo da AIDS, constituindo uma “gramática do terror” a ser aqui investigada e analisada.

São, através do consumo das narrativas e imagens, suas diferentes formas de endereçamento presentes nos livros didáticos, que serão produzidos saberes e conhecimentos, localizando os leitores em um determinado lugar social e ideológico, formando uma “[...] mensagem polissêmica, uma cadeia flutuante de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros.” (BARTHES, 1990, p. 32).

Os livros didáticos fazem parte de políticas educacionais estabelecidas dentro de relações de poder e saber em campos de lutas entre os saberes a serem vinculados, neste sentido, constituem-se em artefatos da cultura escolar compondo currículos e práticas pedagógicas, formando determinadas identidades e subjetividades.

Neste sentido, têm-se o livro didático como fonte de análise que permite investigar os saberes, as práticas educativas, os arquétipos, o processo de escolarização que permeiam o currículo, repletos de intenções e contradições, para Bourdieu e Chartier (1996, p. 248), “[...] um livro não chega jamais a um leitor sem marcas. Ele é marcado em relação ao sistema de classificações implícitos [...], quando chega a um leitor, está predisposto a receber suas marcas históricas.”

Além disso, servem como importantes documentos para se perceber como é abordado o conteúdo da AIDS e seus desdobramentos, ou seja, as estratégias de prevenção, cuidado, contágio, sua eficácia e formas de apreensão pelos sujeitos/alunos, “[...] o livro didático vem sendo incorporado como importante fonte de análise para se investigar a escolarização dos saberes e de como seu ensino tem sido organizado e praticado ao longo do tempo.” (SILVA, 2006, p. 3).

Os saberes prescritos pela escola e seus artefatos de poder devem ser, permanentemente contestados, subvertidos, desafiados, demonstrando que tanto as identidades quanto as subjetividades são mutáveis e históricas.

CORPOS NO ABISMO

A AIDS enquanto caráter de “doença incurável” revela-se enquanto uma epidemia repleta de significações, aonde algumas irão se modificando e outras não, ao longo dos estudos científicos sobre a doença, seus avanços e descobertas. A ênfase na imagem do corpo do doente de AIDS, sua fragilidade e impotência sobre a doença, os chamados “sinais corporificados” (GOFFMAN, 1982, p. 70), é marcada em propagandas de TV, filmes, revistas, as características mais marcantes destas transformações são: perda de peso, diarreia, queda de cabelo, caroços, manchas pelo corpo, fraqueza, sudorese noturna, anorexia, febre, facilidade em desenvolver infecções (AOKI, 2001, p. 4).

Essas representações chegam aos livros didáticos através de imagens, textos, ilustrações, exercícios, condenando o corpo do doente à morte. O seu final trágico seria a punição pela má conduta de caráter moral, sexual ou religioso. O sujeito nomeado como aidético, agoniza, sua morte civil é decretada pelo seu desvio “[...] decorrência de sua culpabilidade, e cuja existência é a expiação do pecado de seu nascimento.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 125).

As primeiras campanhas de prevenção vinculadas pela mídia estabeleciam a ligação entre sexo enquanto comportamento de risco, pelos chamados grupos de risco e a punição, seria o castigo pela relação da síndrome com a morte (GIAMI, 1997).

Frases impactantes e que ao mesmo tempo refletem o vazio, um lugar sem rumo, e sem saída estão presentes nos livros didáticos, tais como: “Não tem tratamento conhecido: leva à morte”, livro para 7ª série (LUZ; SANTOS, 2006, p. 104); “Infelizmente temos visto vários casos de fracasso dos medicamentos”, livro para 7ª série (PEDERSOLI; WELLINGTON, 2005, p. 120); “A pessoa com AIDS, pode ter diversas infecções causadas por fungos e até

câncer. São os micróbios que acabam provocando a morte da pessoa com AIDS. Infelizmente ainda não há vacina contra a AIDS”, livro para 7ª série (GEWANDSZNAJDER, 2005, p. 223); “O organismo fica tão debilitado que até mesmo uma simples infecção pode levar à morte”, livro para 6ª série (COSTA, A., 2008, p. 80); “Atualmente, um coquetel de remédios mantém a vida do doente, mas a AIDS ainda continua sendo fatal”, livro para o 9º ano (FIGUEIREDO; CONDEIXA, 2009a, p. 220).

O primeiro caso de AIDS registrado no Brasil foi em 1980, com óbito em pouco tempo (OLIVEIRA; WEINSTEIN, 2004, p. 22). “Há discussões sobre quando foi diagnosticado o primeiro caso de AIDS no Brasil e provavelmente o vírus chegou por aqui antes, pois em geral decorrem entre cinco e dez anos entre a contaminação e a presença da doença propriamente dita.” (AMATO NETO; PASTERNK, 2012). “A doença aumentou progressivamente no Brasil até 2002, depois chegou a apresentar uma redução gradual até 2007, mas nos últimos anos voltou a crescer.” (ORBIS, 2010, online). O número de casos de AIDS notificados no país, desde 1980 até 2002 era de 258.000. Em 2003 são 310.310, em 2005 são 371.827. Em 2006 registros de AIDS no Brasil ultrapassam 433.000 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013, online).

Em 2009, houve aumento de 2,9% em relação ao ano anterior. “Os números do Ministério da Saúde mostram que o Brasil está perto de registrar o caso número 600 mil de AIDS no país.” (ORBIS, 2010, online). De 1980 e junho de 2011, 608.230 pessoas foram infectadas com o vírus da AIDS no Brasil (COSTA, G., 2011, online).

Neste período de 2002 à 2009, houve ações governamentais para o controle e prevenção da doença, como, a 14ª Conferência Internacional sobre AIDS realizada em Barcelona; o II Fórum em HIV/AIDS e DST da América Latina, em Havana, Cuba. Em 2005 o tema do Dia Mundial de Luta Contra a AIDS no Brasil aborda o racismo como fator de vulnerabilidade para a população negra. Em 2006, Toronto recebe 20 mil pessoas para a 16ª Conferência Mundial sobre AIDS, o maior evento sobre AIDS no mundo. Em 2006 se reduz em 50% preço do antirretroviral Tenofovir. Em 2008 há a conclusão do processo de nacionalização de um teste que permite detectar a

presença do HIV em apenas 15 minutos. Em 2008 foi realizado o VII Congresso Brasileiro de Prevenção das DST e AIDS, em Florianópolis. Em 2008 o Prêmio Nobel de Medicina é entregue aos franceses Françoise Barré-Sinoussi e Luc Montagnier pela descoberta do HIV, causador da AIDS. Em 2009 o Programa Nacional de DST e AIDS torna-se departamento da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde e o Programa Nacional para a Prevenção e Controle das Hepatites Virais é integrado a ele (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013, online).

Traçando uma relação dos dados ao longo dos anos e a abordagem da doença, nos livros analisados de 2000 a 2001 não há uma preocupação em enfatizar a morte, em 2002 já aparece uma referência em seus discursos quando há um aumento nos casos, esse discurso reaparece em 2005 após uma queda dos casos em anos anteriores. E de 2005 a 2009 o discurso da morte é recorrente nos livros didáticos, acompanhado pelo aumento gradativo do número de casos no Brasil.

Em 2009, com a ampla divulgação das pesquisas e ações sobre a doença e, ao mesmo tempo, com o gradativo aumento do número de casos do Brasil principalmente entre os jovens (QUEIROZ, 2010, online), com idade entre 15 a 24 anos (REDAÇÃO, 2013, online), os livros didáticos para os últimos anos do Ensino Fundamental estudados, adotam também ilustrações para enfatizar a relação entre a doença e a morte, como nas figuras a seguir:

FIGURA 1

Atividades de estudo de texto

1. Faça um levantamento entre seus colegas de sala para saber se nasceram por meio de parto normal ou por parto cesáreo. Qual foi o método mais comum?
2. Escreva a sequência de eventos do desenvolvimento intrauterino de um futuro bebê.
3. Identifique quais as funções para o embrião e depois para o feto das estruturas placenta, cordão umbilical e bolsa amniótica.
4. Escreva a sequência de eventos de um parto normal desde os primeiros sinais até o nascimento.
5. Quais são os riscos na gestação de adolescentes?

Antes de ler o texto, os alunos observam a tabela e verificam se conhecem algumas doenças descritas. Estimule-os a relatar o que já sabem sobre elas.

Doenças sexualmente transmissíveis: DSTs

As DSTs são causadas por organismos (protozoários, bactérias, vírus ou fungos) que vivem nas mucosas macias e úmidas do corpo humano, como boca, órgãos sexuais ou ânus. Esses organismos só conseguem sobreviver alguns segundos fora desse ambiente, por isso é difícil a transmissão de uma dessas doenças por meio de privadas, assentos de ônibus, piscinas, ou seja, fora do contato sexual íntimo. A maioria é conhecida há séculos, de algumas há relatos na Bíblia.

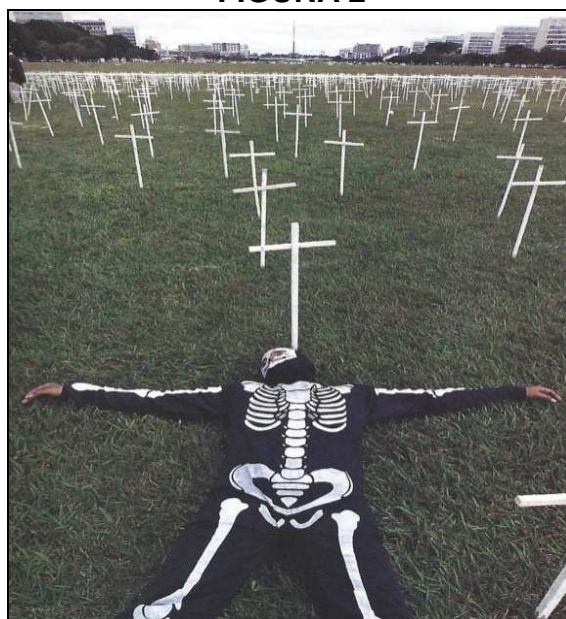
Nas últimas décadas do século XX, surgiu uma nova doença, ou síndrome, isto é, um conjunto de sintomas e doenças: a Aids. Ainda sem cura, mata anualmente milhares de pessoas, principalmente na África. A Aids, como é conhecida, ou a síndrome da imunodeficiência adquirida, é causada pelo vírus HIV. Como não

Laços vermelhos colocados na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, para marcar o Dia Mundial de Luta contra a Aids, 1º de dezembro. Segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids, desde 1981, quando surgiu a doença, a Aids já matou cerca de 25 milhões de pessoas no mundo.

Unidade 2 – REPRODUÇÃO E SEXUALIDADE 143

Fonte: Figueiredo e Condeixa (2009a, p. 143).

FIGURA 2



Fonte: Figueiredo e Condeixa (2009a, p. 144).

Ambas as figuras estão localizadas no centro da página, atraindo o olhar do leitor, com cores fortes que atraem o olhar mais do que o texto escrito presente na parte de cima do livro. São imagens de fotografias de atos reais que representam algo ocorrido e possível de acontecer. Ao lado da figura 1, a frase, “Segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS, desde 1981 quando surgiu a doença, a AIDS já matou cerca de 25 milhões de pessoas no mundo”, enfatiza a morte e a disseminação da epidemia pelo mundo e cada vez mais próxima dos sujeitos.

FIGURA 3



Fonte: Canto (2009, p. 264).

A figura 3 é a imagem de abertura do capítulo sobre reprodução humana que irá abordar o conteúdo da AIDS, relacionando-o com a prática sexual, representada pelo laço vermelho símbolo do Dia Mundial de luta contra a AIDS que está em destaque no centro da página. As cores em vermelho também referem-se ao sangue contaminado, presentes no laço, na ponte, na parte superior da imagem e na sombrinha segurada pela mulher acima de sua cabeça, indicando que ela está ou poderá ser contaminada. A mulher caminha carregando uma bolsa preta em uma ponte que não determinada o seu início

ou fim, ou seja, ela estaria sem saída, sem rumo, sob o infinito e do abismo das águas do rio abaixo da ponte, “desacreditada”, numa situação de “morte anunciada” (SEFFNER, 1995, p. 391).

A mulher está presente e é representada na imagem, cujo endereçamento se dá pelo o que foi enfatizado a partir da década de 90, onde as mulheres estavam se tornando um dos grupos de risco mais afetados pela doença (SANTOS, 2002). Alvo de campanhas e índices, à mulher cabe a responsabilidade pela prevenção do vírus, cuidado e conhecimento com seu corpo, seja cobrando o uso de preservativos do parceiro ou ela própria tomando medidas de precaução,

[...] a responsabilidade do auto-cuidado é apresentada de forma descontextualizada, sem levar em conta os limites da vontade pessoal em um espaço que é eminentemente relacional e, no caso de um grande número de mulheres, caracterizado pela desigualdade de poder (SANTOS; OLIVEIRA, 2006, p. 9).

Sobre essa questão da mulher ser representada nos discursos dos livros como foco de transmissão, responsável pelo controle da doença, encontramos outros exemplos: “As mulheres devem consultar um ginecologista uma vez por ano para fazer exames. Esses exames podem diagnosticar doenças sexualmente transmissíveis”, livro para 7ª série (GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 221); “As mulheres são assim mais facilmente contaminadas do que os homens” (PEDERSOLI; WELLINGTON, 2005, p. 116); “Uma das principais medidas contra a contaminação do HIV é conscientizar mulheres portadoras do HIV a respeito do risco da contaminação para o filho durante a gravidez”, livro para 6ª série (COSTA, A., 2008. p. 81).

Desta forma as imagens dos livros didáticos também podem ser “lidas” como representações de gênero que produzem determinadas subjetividades, sentimentos e entendimentos culturais e sociais acerca da doença. Ensinam como homens e mulheres devem se relacionar com o mundo e que valores esse mundo elege como socialmente aceitos para cada gênero (FURLANI, 2008).

CORPOS EM RISCO

“Em nosso país, há mais de um milhão de pessoas portadoras do HIV (2001). E esse gigantesco número de brasileiros, em sua maioria, são sexualmente ativos”, “Por isso, a AIDS deve ser considerada uma enfermidade muito grave, que todos devem se esforçar para evitar” livro para 7ª série (PEDERSOLI; WELLINGTON, 2005, p. 116-119); “Pessoas infectadas pelo vírus, mesmo que não apresentem sintomas, podem transmitir a doença”, “Nunca é demais lembrar que, por enquanto, a AIDS não tem cura. Por isso, a única solução é se proteger!”, livro para 7ª série (GEWANDSZNADER, 2005, p. 223); “Infelizmente a AIDS não tem cura é preciso se proteger!”, livro para 7ª série (GEWANDSZNADER, 2000, p. 224).

As frases acima e a citação, “O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer” de Albert Einstein presente no livro didático para 8ª série (SANTANA, et.al. 2008, p. 200) investem na noção do atributo de risco para a AIDS, sendo a prevenção, o cuidado, vigilância sobre si a melhor forma de prevenção. O risco e suas conseqüências e atribuído a uma questão individual, que se não controlado ou evitado irá tornar-se um problema social, pois “[...] a medida em que o poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais é exercido tendem a ser mais fortemente individualizados.” (FOUCAULT, 1999, p. 197).

O risco em si, através das frases analisadas nos livros, transparece a noção de algo abstrato, não palpável, invisível, mas que, ao mesmo tempo dependendo da conduta do sujeito pode não se proliferar,

Mais do que o Câncer, e de modo semelhante à sífilis, a AIDS parece ter o poder de alimentar fantasias sinistras a respeito de uma doença que assinala vulnerabilidades individuais tanto quanto sociais. O vírus invade o organismo, a doença, ou o medo da doença, invade toda a sociedade (SONTAG, 1989, p.78).

Para tentar controlar essa possível proliferação da epidemia, e tentando cada vez mais localizar, quantificar, conhecer e controlar os sujeitos contaminados, os livros também utilizam a vinculação de gráficos, índices e

tabelas, onde os números são a estratégia e o recurso dessa probabilidade sentenciada pela morte, podendo ser citados os seguintes exemplos: “Em 1987 havia 2.000 casos registrados. Em 1991, 22.000 casos. Observe que de 1987 a 1991, em quatro anos, o número de infectados aumentou onze vezes”, livro para 7ª série (PEDERSOLI; WELLINGTON, 2005, p. 119); “Adultos e crianças vivendo com AIDS no mundo em 2007: total 33,2 milhões”, livro para 8º ano (FIGUEIREDO; CONDEIXA, 2009b, p. 97); “Em 2007 houve 2,1 milhões de mortes decorrentes da AIDS e ocorreram 2,5 milhões de novas infecções pelo HIV. A cada dia, cerca de 6.800 pessoas são infectadas no mundo”, livro para o 9º ano (CANTO, 2009, p. 275).

O risco, ao mesmo tempo em que tem sua invisibilidade, ganha precisão ao ser representado por números e quantificado, buscando chamar atenção de todos para seu elevado perigo. Os números são anônimos, podem ser ou atingir qualquer um, uma tecnologia de poder aliada para produzir o discurso da prevenção e do auto-cuidado.

Essa demarcação e repetição dos índices nos livros, também são demarcadas em campanhas televisivas, jornais impressos, onde; mais especificamente, Florianópolis é a segunda capital do Brasil com mais casos de AIDS, segundo o Boletim Epidemiológico AIDS/DST de 2011 com 57,9 casos a cada 100 mil habitantes (ESTADO..., 2011, online). “Entre 1986 e 2006, a AIDS, comprometeu adultos jovens entre 30 e 39 anos residentes em Florianópolis. Destaca-se o aumento de casos entre adultos jovens com idade entre 20 e 29 anos e 40 e 49 anos.” (BASTIANI; PADILHA, 2012, p. 573).

CORPOS EM GUERRA

Outra simbologia utilizada pelos livros didáticos com relação à AIDS é a de guerra, seja do corpo contra o vírus, e vice e versa, sendo que os discursos apresentam sempre o vírus como vencedor. Como inimiga, é a doença que invade o corpo de forma agressiva e incontrolável. Bastante limitado esse recurso costuma utilizar palavras chaves relacionadas à guerra e ao combate, como: destruição; ataque; defesa, que também relacionam sentimento de medo e terror frente à doença ou ao seu portador.

“A doença surge como conseqüência da *destruição* de um tipo importante de leucócito. [...] Esta célula é responsável pela *defesa* imunológica do organismo. Como esta fica comprometida com a *destruição maciça* dos linfócitos, já que seu sistema de *defesa* fica inoperante”, “As doenças associadas à AIDS podem também *atacar* pessoas sadias”, livro para 7ª série (PEDERSOLI; WELLINGTON, 2005, p. 114-115); “Uma vez dentro dos linfócitos, formam-se novos vírus que irão *atacar* outras células. Aos poucos, o vírus *destrói* o sistema imune, que *defende* o organismo contra infecções. Com isso, a pessoa é *atacada* por diversos tipos de germes”, livro para 7ª série (GEWANDSZNAJDER, 2005, p. 223).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise das concepções acerca da AIDS abordadas pelos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º no utilizados por escolas do município de Florianópolis, verificou-se o quanto a temática é permeada por diferentes campos de saber que articulam discursos, relações de poder, representações culturais, sociais e de gênero, ou seja, uma “epidemia das significações” (TREICHLER, [19--], p. 357).

O conteúdo presente nos livros didáticos, seja ele imagético ou textual, tem um importante papel na construção do imaginário social sobre a doença, atuando na construção de subjetividades, sexualidades, condutas sexuais, comportamentos, cuidados de si, inferindo estratégias de prevenção determinadas, pois, “[...] são os meios que carregam significados porque eles operam como símbolos, os quais afirmam ou representam o significado que nós desejamos comunicar.” (HALL, 1998).

Além disso, ao constituírem um imaginário sobre a doença, também criam representações sobre a identidade do portador da doença, com rótulos aqui expostos tais como, sem percepção de cura, morte anunciada, fisicamente debilitado, fadado à solidão, “[...] estas campanhas desinformam mais do que educam.” (AYRES, 2002, p. 12).

Devido a este tipo de vinculação, o uso de preservativos só diminui. Desde 2006, as taxas de mortalidade voltam a crescer e, em algumas regiões,

superam as da década de 1980, cabe fazer uma análise das relações da doença com processos de exclusão, discriminação e representação da sexualidade e das relações de gênero.

É preciso produzir estratégias didáticas e tecnológicas que se aproximem das realidades desses alunos, produzindo a aprendizagem necessária enquanto política de prevenção, já que o conhecimento adquire significado quando é baseado em um contexto social próximo e cotidiano, onde se possa posicionar-se frente a ele com atitudes e práticas favoráveis de prevenção. Sendo que, nos livros analisados, apesar dos avanços científicos sobre a doença, medicamentos, qualidade de vida do doente, essas informações não estão presentes nestes livros, um conteúdo silenciado em detrimento de outros considerados mais necessários ou úteis por relações políticas e econômicas de editoras, organizações de saúde, governos, etc.

É preciso questionar tanto os materiais que ensinamos, a forma como ensinamos e quais os sentidos que damos aos conteúdos, atentos a linguagem empregada em tais metodologias, seus poderes, lugares, contextos, regras que se inscrevem no jogo persuasivo e ideológico que marcam identidades e corpos.

Outra questão observada na pesquisa é a frequência do endereçamento deste conteúdo a séries/anos específicos:

QUADRO 1

2000 a 2011	6ª série	7ª série	8ª série/8º ano	9º ano
Frequência do conteúdo da AIDS	2	4	2	2

Fonte: Cristiane Castro Ramos Abud.

Onde, verifica-se que a faixa etária mais atingida é a partir de 13 anos, população cada vez mais ativa sexualmente, em um período de descobertas, desejos e curiosidades sobre a sexualidade.

Outras questões também poderiam e podem ser mais exploradas posteriormente, como as editoras escolhidas, formas de escolha destes livros,

concepções dos autores dos livros, que também fazem parte da gramática e da cultura escolar.

Não se tem o intuito de “[...] tentar descobrir uma verdade que estaria encoberta ou escondida” a respeito dos discursos sobre a AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ano à 8ª séries, mas sim perceber “[...] que efeitos as representações tiveram e têm sobre os sujeitos, como elas constituem os sujeitos” (LOURO, 1999, p. 10), sendo estes professores, alunos, comunidade escolar como um todo. Os saberes prescritos pela escola e seus artefatos de poder devem ser, permanentemente contestados, subvertidos, desafiados, demonstrando que tanto as identidades quanto as subjetividades são mutáveis e históricas.

A ação mediadora do professor e de seus instrumentos pedagógicos irão contribuir para o desenvolvimento de processos de aprendizagem dos conteúdos escolares, por isso o ensino de Ciências deve ser cada vez mais crítico e próximo a realidade de sua comunidade escolar, possibilitando o acesso a novos significados e interpretações para uma intervenção e emancipação social e cultural.

Perceber as práticas e discursos presentes na complexa rede dos artefatos históricos escolares enquanto estratégias que engendram conhecimentos, pensamentos, ações implicados na produção histórica e cultural de particularidades de subjetividades, sujeitos, passa também por onde, como e o que se aprende no processo educacional produzindo cada vez mais significados que se inscrevem, marcam os corpos e a alma dos sujeitos.

O ensino de Ciências envolve, portanto, conflitos, rupturas, (des)construções entre a linguagem cotidiana, a científica e a abordada nos materiais didáticos que precisam ser repensados e revisitados. O currículo, portanto, deve ser entendido e trabalhado como um texto cultural, aberto a múltiplas interpretações, diversas formas de narrar e narrar-se. Como uma escrita em permanente construção, ele será o problematizador do cotidiano escolar, produtivo em suas possibilidades enunciativas, potência e formas de imanência. Um artefato construído em espaços culturais, artísticos, estéticos, midiáticos, em constantes disputas de saber e poder em torno de diferentes significados e práticas, obtendo uma dimensão política e poética da diferença.

REFERÊNCIAS

- AMATO NETO, Vicente; PASTERNK, Jacyr. Trinta anos de HIV no Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 dez. 2012. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/81337-trinta-anos-de-hiv-no-brasil.shtml>>. Acesso em: dez. 2012.
- AOKI, F.H. A síndrome da imunodeficiência adquirida: epidemia e evolução do tratamento. In: COLOMBINI, M.R.C. (Org.). **Leito-dia em Aids**: uma experiência multiprofissional. São Paulo: Atheneu, 2001.
- AYRES, Jose R. C. Mesquita. Práticas educativas e prevenção de HIV/AIDS: lições aprendidas e desafios atuais. **Interface: Comunicação e Saúde Educativa**, Botucatu, v. 6, n. 11, p. 11-24, 2002.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BASTIANI, Janelice de Azevedo Neves; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. Aspectos epidemiológicos da AIDS em Florianópolis/SC, Brasil. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 569-575, 2012. Acesso em: mar. 2014.
- BENITO, Agustín Escolano. El manual como texto. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 33-50, set./dez. 2012.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CANTO, Eduardo Leite. **Ciências naturais**: aprendendo com o cotidiano. 9º ano. SP: Ed. Moderna, 2009.
- COSTA, Alice. **Coleção ciências e interação**. 6ª série. Curitiba: Positivo, 2008.
- COSTA, Gilberto. Em três décadas, 608,2 mil pessoas foram infectadas pelo vírus da aids no Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 28 nov. 2011. Disponível em: <<http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-11-28/em-tres->

[decadas-6082-mil-pessoas-foram-infectadas-pelo-virus-da-aids-no-brasil](#)>. Acesso em: mar. 2014.

DOEL, Marcus. Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DUSSEL, Inés. La gramática escolar de la escuela argentina: un análisis desde la historia de los guardapolvos. **Anuario de la Sociedad Argentina de Historia de la Educación**, Buenos Aires, n. 4, p.11-37, 2003.

ESTADO tem maior índice de casos de Aids por habitante do país. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 29 nov. 2011. Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=79908>>. Acesso em: mar. 2014.

FIGUEIREDO, Maria Teresinha; CONDEIXA, Maria Cecília. **Ciências**: atitude e conhecimento. 9º ano. São Paulo: FTD, 2009a.

_____.; _____. **Ciências**: atitude e conhecimento. 8º no. São Paulo: FTD, 2009b.

FORQUIN, J. C. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 5, p. 28-49, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Compromissos da escola**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.fnede.gov.br/arquivos/category/125-guias?download=7363:pnld-2013-compromissos-da-escola>>. Acesso em: 2014.

FURLANI, Jimena. Gênero e sexualidade nos materiais didáticos e paradidáticos: representações de gênero e sexualidade nos livros didáticos e paradidáticos. **Salto para o Futuro**: Educação para a igualdade de gênero, Brasília, DF, ano 18, boletim 26, p. 39-46, nov. 2008.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Ciências nosso corpo**. 7ª série. São Paulo: Ática, 2000.

_____. _____. 7ª série. São Paulo: Ática, 2005.

GIAMI, Alain et al. **Enfermeiras frente a AIDS**: representações e condutas, permanências e mudanças. Canoas: Ed. Ulbra, 1997.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

LUZ, Maria de La; SANTOS, Magaly Teresinha. **Vivendo ciências**. 7ª série. São Paulo: FTD, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria Normativa n. 7, de 5 de abril de 2007. Dispõe sobre as normas de conduta no âmbito da execução dos Programas do Livro. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 abr. 2007. Seção 1. p. 12-13.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **História da Aids**. 2013. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>>. Acesso em: mar. 2014.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 2007.

OLIVEIRA, Suely B.; WEINSTEIN, Charles. AIDS: duas décadas. Epidemia/Pandemia/Vulnerabilidade Social. O que vem depois? In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de prevenção do HIV/AIDS para profissionais de saúde mental**. Brasília, DF, 2004.

ORBIS. **AIDS**: apesar do suposto controle, Brasil registra quase 600 mil casos desde sua descoberta. 2010. Disponível em: <<http://www.orbis.org.br/analise/9/aids-apesar-do-controle-brasil-registra-quase-600-mil-casos>>. Acesso em: 2014.

PEDERSOLI, Jenner; WELLINGTON, Moacir. **Ciências naturais no dia-a-dia**. 7ª série. Curitiba: Positivo, 2005.

QUEIROZ, Nana. Número de jovens com HIV cresce no Brasil. **Veja**, São Paulo, 1 dez. 2010. Saúde. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/numero-de-jovens-com-hiv-cresce-no-brasil>>. Acesso em: mar. 2014.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

REDAÇÃO. Aids: cresce o número de caso de contaminação entre jovens e gays no ES. **Folha Vitória**, Vitória, 28 nov. 2013. Disponível em:

<<http://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/2013/11/aids-cresce-o-numero-de-caso-de-contaminacao-entre-jovens-e-gays-no-es.html>>. Acesso em: dez. 2013.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 33-58, jun./jul. 2001.

SANTANA, Olga et.al. **Ciências naturais**. 8ª série. São Paulo: Saraiva, 2008.

SANTOS, Luis Henrique S.; OLIVEIRA, Dora Lúcia C.L. Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais....** Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2294--Int.pdf>>. Acesso em: dez. 2013.

_____. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000)**. 2002. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Incorporando outras representações culturais do corpo na sala de aula. In: OLIVEIRA, Daisy Lara de. (Org.). **Ciências na sala de aula**. POA: Mediação, 2002.

SEFFNER, Fernando. AIDS, estigma e corpo. In: LEAL, Ondina F. (Org.). **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1995.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Do sofrimento do mundo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SILVA, Cristiani Bereta. Gênero e sexualidade nos livros didáticos de História: algumas questões sobre produções de subjetividades. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. **Anais....** Florianópolis: Ed. UFSC, 2006. p. 1-8.

SONTAG, Susan. **AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TREICHLER, Paula. AIDS, homophobia, and biomedical discourse: an epidemic of signification. In: WE TRIP the light fantastic. [S.l.:s.n.], [19--]. Disponível em: <http://experienceage.com/femeti/femetimgt/img_circular/Cambridge%20University%20Press%20-%20Culture,%20Society%20and%20Sexuality.pdf#page=345>. Acesso em: 24 jul. 2012.

VALLE, Cecília. **Coleção ciências: vida e ambiente**. 6ª série. Curitiba: Positivo, 2005.

WORTMANN, Maria Lúcia C. O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos estudos culturais. **Pro-Posições**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 151-161, 2001.

Artigo recebido em: 08/04/2014.

Aprovado em: 31/08/2014.